

SESSÕES DO PLENÁRIO

16ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 26 de abril de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO NELSON LEAL

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração aos 70 anos do tradicional Afoxé Filhos de Gandhi, proposta pela deputada Olívia Santana.

Convido, para compor a Mesa, a Sr.^a Proponente desta sessão especial, a deputada Olívia Santana (palmas); o deputado estadual Zó (palmas); a secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis, representando, neste ato, o governador Rui Costa (palmas); o prezado Sr. Desembargador Lidivaldo Britto que, neste ato, representa o presidente do Tribunal de Justiça da Bahia, Gesivaldo Britto (palmas); a Sr.^a Promotora de Justiça, Nadja Brito Bastos, que, neste ato, representa a procuradora-geral de Justiça Ediene Santos Lousado; o Sr. Vice-Reitor, Paulo César de Oliveira, que representa, neste ato, o reitor da Universidade Federal da Bahia, João Carlos Salles Pires (palmas); o Sr. Defensor Público Geral, Rafson Saraiva Ximenes (palmas); o prezado vereador da nossa cidade de Salvador Sílvio Humberto (palmas); o Sr. Presidente do Afoxé Filhos de Gandhi, Gilsony de Oliveira (palmas); o Sr. Monge do Centro Budista Kadampa, de Salvador, Kelsang Tenchog (palmas); o Sr. Tenente Coronel Antônio Arnaldo da Silva Neto, representante do comandante-geral, o coronel Anselmo Brandão (palmas); o Sr. Presidente da Bahiagás, Luiz Gavazza (palmas); o Sr. Presidente do Sindicato dos Estivadores de Salvador, Flávio Santiago (palmas); e o Sr. Cantor e Compositor, Tonho Matéria (palmas).

Aproveito para agradecer a presença de cada um dos senhores e de cada uma das senhoras nesta bela sessão.

A deputada Olívia, sempre, tem feito, aqui, grandes sessões. A última foi uma das sessões mais emocionantes que esta Casa já teve. Hoje, tenho certeza de que não vai ser diferente.

Queria convidar para entrar aqui no nosso Plenário os Filhos de Gandhi.

(O Afoxé Filhos de Gandhi adentra ao plenário.) (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

Convido todos os presentes para ouvirmos o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

Assistiremos ao vídeo com Gilberto Gil, falando da história do Gandhi.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Concedo a palavra à preponente desta sessão especial, a querida amiga e deputada Olívia Santana.

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Bom dia a todos e a todas. Bom dia, gente!

Participantes da sessão: Bom dia!

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Aliás, hoje, a gente tem que cumprimentar assim: Ajayô!

Participantes da sessão: Ajayô!

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Muito bem!

Saúdo o Sr. Presidente e deputado Nelson Leal; o Sr. Deputado Estadual Zó, a Sr.^a Secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis, o Sr. Desembargador Lidivaldo Britto que, neste ato, representa o presidente do Tribunal de Justiça da Bahia, Gesivaldo Britto. Porém, este último se autorrepresenta com toda a sua história, Dr. Lidivaldo, toda a sua trajetória de valorização da cultura afro, pois o senhor escreveu um livro sobre a intolerância religiosa. Para nós, é uma grande honra recebê-lo nesta Casa e nesta data tão especial de celebração dos 70 anos do mais antigo afoxé do nosso estado. Muito obrigada pela presença.

Quero, também, saudar a Sr.^a Promotora de Justiça, Nadja Brito Bastos que, neste ato, representa a procuradora-geral, Ediene Lousado; o Sr. Vice-Reitor Paulo César Miguez de Oliveira que, também, tem uma vasta história de estudo e de vivência da cultura no nosso estado na Bahia e no Brasil. Para nós, também, é uma grande honra, Miguez, ter você aqui conosco. Saúdo o Sr. Defensor Público Geral, Rafson Saraiva Ximenes, que bom que desta vez você conseguiu estar aqui pessoalmente, pois, sempre, a Defensoria se fez representar em nossos atos e em nossas sessões, mas de maneira muito digna, muito bem representada, e, hoje, de maneira mais especial ainda, com o próprio defensor. Muito obrigada pela valorização e pela presença.

Saúdo, ainda, o Sr. Vereador da Cidade de Salvador, Sílvio Humberto, vereador e presidente da Comissão de Educação, Esporte e Lazer da Câmara Municipal de Salvador, com vasta trajetória, também, na luta contra o racismo. Ressalto ser ele um dos idealizadores de uma das maiores experiências em educação na Bahia com o Instituto Steve Biko. Isso muito nos orgulha, pois vem formando gerações e gerações, uma juventude que não tinha perspectiva, que não tinha oportunidade educacional e que, através do Steve Biko, abraçou e valorizou não só a partir de uma relação de instrução, mas não era só a instrução, é pensar a história em uma nova perspectiva, numa perspectiva de valorização da população negra, da população de matriz africana que habita este país.

Quero saudar, também, o monge do Centro Budista Kadampa, de Salvador, Kelsang Tenchog e, ao mesmo tempo, agradecê-lo por estar aqui conosco valorizando esta sessão, entendendo a importância do Afoxé Filhos de Gandhi como um afoxé que surgiu inspirado na história de luta de Mahatma Gandhi em defesa da paz.

Quero, também, saudar o Sr. Tenente Coronel Antônio Arnaldo da Silva Neto, representante do Comando Geral, representando aqui o coronel Anselmo.

Quero, também, saudar o presidente da Bahiagás, Luiz Gavazza, não só saudar, mas, também, agradecer pelo papel que a Bahiagás vem desenvolvendo no sentido de valorizar, no sentido de investir recursos nas expressões do Carnaval que são expressões da cultura negra.

O Afoxé Filhos de Gandhi, o Bloco Olodum, o Ilê Aiyê e os diversos outros blocos e afoxés afros da Bahia recebem apoio da Bahiagás. E é assim que tem que ser, porque essas instituições têm sofrido muitos ataques e cortes de recursos do governo federal que, antes, apoiava diversos blocos aqui durante o governo Lula, durante o governo Dilma, através da Petrobras. Pela primeira vez, àquela época, a Petrobras, deputado Zó, passou a financiar os blocos afros da Bahia. E foi, extremamente, importante aquela injeção de recursos, porque nós não queremos, somente, os elogios à expressão cultural negra e artística no Carnaval. Nós precisamos ter, de fato, o financiamento. Economicamente, essas instituições precisam ser amparadas e fortalecidas pela estrutura de Estado.

Então, eu aproveito o momento para agradecer o trabalho desenvolvido pela Bahiagás e pela sua sensibilidade, porque a instituição é fundamental, mas é mais ainda quem dirige a instituição, se tem um olhar sensível, um olhar comprometido em investir e em elevar ainda mais essas expressões culturais do nosso estado.

Quero saudar o Sr. Presidente do Sindicato dos Estivadores, Flávio Santiago. Sem os trabalhadores da estiva, nós não teríamos o Afoxé Filhos de Gandhi. Foi lá que tudo começou! Por isso, nós, hoje, estamos aqui celebrando estes 70 anos.

Quero, também, em nome de todos os cantores e compositores de blocos afros e afoxés, saudar a ilustre presença, aqui, nesta Mesa, do nosso cantor e compositor Tonho Matéria que já virou um ícone do nosso Carnaval da Bahia.

E, por fim, faço, aqui, o meu agradecimento e o meu elogio especial a esta expressão que, como disse, já tem 7 décadas de existência, uma expressão cultural criada em 1949, o Afoxé Filhos de Gandhi.

Quero, assim, homenagear todas as gerações. Quero homenagear as primeiras mãos que construíram este afoxé até os dias atuais, em nome de Gilsonney, atual presidente do Afoxé Filhos de Gandhi. Desejo saúde e desejo vida longa. Gostaria de dizer da importância dos trabalhadores e do trabalho desses homens na construção desta referência cultural de tal magnitude para o nosso estado.

Quero dizer que o Afoxé Filhos de Gandhi, presidente Gilsonney, inspirou muitos artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil. Esse último é o nosso mestre maior, pois é o homem que, sempre, carregou o Gandhi no peito, sempre, projetou a história e a importância cultural do Gandhi. Eu, sempre, procuro destacar e fazer esta referência. É muito importante que artistas de projeção nacional e internacional incorporem, sim, ao seu trabalho, à sua fala, à sua comunicação, a valorização das tradições de matriz africana.

Então, no momento em que Gilberto Gil se tornou um membro dos Filhos de Gandhi, saiu nos Filhos de Gandhi, beijou a fantasia dos Filhos de Gandhi, fez

poesia para os Filhos de Gandhi, transformou em música composições que encantaram e fizeram muitas de nós e muitos de nós dançarmos, bailarmos atrás do Afoxé Filhos de Gandhi, ele fortaleceu esta referência.

E nós precisamos, portanto, compreender a importância disso. Precisamos compreender a importância dos compositores, a importância dos poetas na tradução da nossa cultura. Afinal, poesia é cultura. Canções são, também, expressões culturais. E nós não podemos...

O nosso querido Zé Arerê é, também, um ícone a quem já homenageei, do *Alerta Geral*. Quando fui vereadora na Câmara Municipal de Salvador, fizemos uma festa linda, fizemos uma bela uma sessão icônica em homenagem ao *Alerta*, em pleno 23 de dezembro, antevéspera do Natal. Eu, nunca, esqueci isso. A minha assessoria ficou enlouquecida a perguntar: “Como fazer? Não vai dar ninguém!” E o *Alerta* não negou fogo, pois fez uma manifestação linda, belíssima.

Eu, sempre, digo que não tem sentido termos esta possibilidade de exercer mandatos sem termos a possibilidade de estabelecer a necessária conexão com as lutas populares, com as expressões populares em todas as dimensões e, especialmente, a dimensão da cultura.

Por isso, me sinto feliz, porque, durante todos os meus mandatos de vereadora, meus, não, nossos, nunca posso usar, na primeira pessoa, o pronome. Eu tenho que usar o nosso, porque são conquistas coletivas esses mandatos. E a gente, sempre, fez questão de homenagear e trabalhar pela valorização da nossa cultura, da cultura baiana, que é plural, é diversa. Mas não haveria cultura baiana com essa singularidade que nós temos sem a garantia e a contribuição das experiências de matriz africana.

Então, no momento em que essas pessoas, em 18 de fevereiro de 1949, 1 ano após a morte de Mahatma Gandhi, o grande líder que defendeu a paz no mundo. Um ano apenas após os estivadores do porto de Salvador, que estavam ali a conversar, a pensar embaixo de uma mangueira, perto da sede da entidade, do Sindicato dos Estivadores, preocupados com a falta de trabalho, preocupados com a recessão, que infelizmente é uma coincidência infeliz. Marx diz que a história se repete como farsa ou como tragédia e nós estamos vendo a história se repetir como tragédia, porque estamos num duro momento de recessão, de desemprego, de crise econômica, de crise política e ainda tendo o país governado por um presidente que não tem o menor apreço à cultura, ao povo brasileiro.

Um presidente que no dia de ontem mandou suspender uma propaganda... Meu chefe de gabinete Everaldo Augusto, ex-vereador que aqui representa a Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte.... Um presidente da República de um país diverso como o Brasil, um país de 50,7% de negros na sua população, portanto maioria, um país que tem 12 milhões de árabes, são quatro vezes o Uruguai na população brasileira. Esse presidente que não se identifica com essa matriz diversa, que o nosso Brasil tem, suspendeu, mandou suspender um comercial que tinha jovens negros como protagonistas.

Eu falava com o jornalista que veio me fazer uma entrevista e ele dizia assim: “Deputada, como é que a senhora vê o país nessa situação? Parece uma loucura o que está acontecendo!” E eu dizia que não é loucura o que está acontecendo, até porque nós respeitamos as pessoas que sofrem de transtorno mental, sabemos que elas não são responsáveis pelo que acontece no Brasil. Nós respeitamos figuras como Raul Seixas, o “Maluco Beleza”, é uma maluquice saudável. O que acontece no Brasil não é loucura, não é maluquice, é uma política orquestrada, intencional, com decisão, com foro de decisão, com uma corja que tramou contra a democracia, que estabeleceu um golpe de estado e que mudou completamente não só o comando da nação, mas o projeto político ali em curso.

E hoje o que nós temos é um presidente da República e seus asseclas com uma expressão política que beira o fascismo. Um presidente que elogia a tortura, um presidente que não gosta, que fez uma alquimia estranha de uma visão religiosa atrasada com um militarismo atrasado, é o militarismo da caserna, é a pior expressão. Não é o militarismo democrático, daqueles que amam o seu país, que são capazes de dar a vida pelo Brasil, de ir à guerra somente por causas justas, é um militarismo que combate o próprio povo, que combate direitos do povo e contra isso nós precisamos nos levantar.

Portanto, infelizmente, é uma coincidência infeliz entre o momento em que nós estamos vivendo agora e o momento que aqueles estivadores viveram no passado, quando se reuniram e tomaram a firme decisão de que apesar da falta de trabalho nos portos, da política de arrocho salarial gerada pela crise do pós-guerra, inconformados com a impossibilidade de um bloco carnavalesco chamado Comendo Coentro desfilar, Durval Marques da Silva conhecido como “Vavá Madeira”, sugeriu a ideia de colocar um bloco de afoxé na rua. A sugestão foi logo aceita entre os vários colegas da estiva como Hermes, Agostinho dos Santos, o Soldado Manoel José dos Santos, “Guarda-sol”, Almir Passos Fialho, o “Bica” e muitos outros que participaram da fundação do Bloco Filhos de Gandhi.

No primeiro dia saíram apenas 36 participantes, apesar de ter mais de 100 filiados, 100 homens inscritos. Ninguém podia imaginar o que a polícia iria fazer, pois o sindicato estava sob intervenção governamental. Para evitar represália o fundador Almir Fialho deu, portanto, a ideia de mudar a grafia do nome de Mahatma Gandhi, o bloco era uma homenagem a Gandhi mas como a morte de Gandhi tinha abalado o mundo inteiro, na situação política aqui de intervenção tinha-se o medo do que podia acontecer nas ruas, por isso eles resolveram mudar a grafia. O nome em vez de ser os Filhos de Gandhi com “di”, passou a ser o “dhy”, uma forma de burlar. Agora todo mundo que lê sabe que com y ou sem y é Gandhi, é Mahatma e, portanto, a posição, a proposta, a modificação feita não apaga o sentido histórico de formação do bloco, do Afoxé Filhos de Gandhi.

Com certeza, companheiras e companheiros, aqueles homens que se reuniram no passado, eles não tinham ideia de onde esse bloco iria chegar, do que ele representaria para um estado como a Bahia em termos de representação cultural.

Nós temos de fato uma diversidade de momentos icônicos da trajetória do Gandhi no nosso estado, no nosso carnaval, mas eu quero destacar o fato de que não é possível pensar o carnaval da Bahia descolado do que representam esses blocos, blocos como os Filhos de Gandhi, de gente negra, gente que sai da miséria, da pobreza e transforma isso em uma narrativa bela, uma narrativa de autoafirmação cultural, uma narrativa da valorização daquilo que era negado, o candomblé negado como expressão religiosa, o racismo que impactou a vida desses estivadores, essa ideia de que aqueles homens não passavam de corpos, secretária Fabya, de corpos para servir à produção da riqueza no Brasil, na Bahia, no mundo inteiro e esses estivadores fizeram essa transformação, saíram do anonimato através da formação cultural.

É por isso que é belo falar de arte, é belo falar de cultura, é por isso que nós temos que lutar pela cultura. É por isso que Casas como esta Assembleia Legislativa da Bahia precisam se abrir, entendendo que esses senhores, esses homens e muitos idosos que saem nos Filhos de Gandhi... mas tem também novas gerações que chegam, tem os idosos, os antigos que cultuam o Gandhi, como se fosse até a própria religião. Tem gerações novas que chegam de homens que se inscrevem no Gandhi para pegar a fantasia, pegar os colares, sair distribuindo em troca de beijos. E é por isso que em 2015 nós batemos, sim, na porta do Gandhi, eu era secretária de Políticas para as Mulheres, para levar a campanha de enfrentamento à violência contra mulher para aquele bloco, para aquele afoxé em que só saem homens, a saída de mulheres é proibida. E eu estive lá para lembrar que assim como é proibido no Gandhi sair mulheres é proibido ao Gandhi beijar mulheres à força no meio da rua. Certo? (Palmas)

Então, nós fizemos uma parceria que eu quero aqui agradecer, porque foi uma parceria muito bonita. Eu sou educadora, sou pedagoga e acredito que a educação, a formação é a possibilidade do convencimento, de a gente ganhar muito mais quando a gente acolhe, quando a gente conversa, quando a gente senta para dialogar. E eu não poderia sair deste púlpito sem fazer um profundo agradecimento a cada homem do Afoxé Filhos de Gandhi, que me recebeu, que abriu as suas portas, que liberou para que as mulheres levassem a faixa da campanha. Em 2015, a campanha era “Vá na moral para não se dar mal”. Hoje a campanha é “Respeita as minas”. E o Gandhi teve esse talento, essa possibilidade de não ficar aferrado às questões culturais machistas, manter a sua tradição, mas ao mesmo tempo abrir-se para pensar, para refletir, para dialogar conosco, com as mulheres e garantir, sim, a sua contribuição a essa que é uma campanha importantíssima, é uma campanha em defesa do respeito, da igualdade, do equilíbrio, da não-violência contra as mulheres.

Por isso, como mulher, ex-secretária, atual deputada estadual, eu faço essa homenagem e faço também esse reconhecimento. Eu sempre digo: não há problema em não saber, o problema há em não querer saber, em não querer aprender, em não querer contribuir, em não querer permitir que a transformação possa acontecer.

Por isso o Gandhi abriu essa avenida de relacionamento conosco e nós, além da dimensão artística, do legado que o Gandhi representa, nós estamos aqui oferecendo essa singela homenagem ao Afoxé Filhos de Gandhi, por entender que o Afoxé Filhos de Gandhi é, sim, um patrimônio cultural imaterial da nossa Bahia. Precisa assim ser reconhecido, porque sem Gandhi, sem Ilê Ayê, sem Olodum, que também são expressões que aniversariam este ano de uma maneira muito especial, certamente o Carnaval da Bahia seria muito pobre, não seria o grande Carnaval que é. Quem não está nesses blocos se alimenta dessas tradições culturais para compor a suas músicas para correr atrás do trio elétrico.

Portanto fica aqui a nossa homenagem, meu querido Clarindo Silva que também está aqui presente prestigiando esta sessão. (Palmas) Nós não podemos falar de Pelourinho, falar de cultura baiana, sem levar em conta esse verdadeiro ícone que é Clarindo Silva. Vida longa para você! Vida longa para o Afoxé Filhos de Gandhi! Vida longa a todos nós que estamos do lado certo da história fazendo ou lutando por aquilo que Mahatma Gandhi sempre pensou e deixou como legado para todo o mundo, a mensagem da paz. É preciso lutar pela paz, é preciso garantir igualdade e nunca haverá paz sem que haja justiça social.

Então que a mensagem de Gandhi, a mensagem do Afoxé Filhos de Gandhi, que é a mensagem da paz, seja sempre uma mensagem pela convivência, uma mensagem contra a intolerância religiosa, contra a homofobia, com o acolhimento de pessoas de todas as classes sociais. E nós mulheres ainda estamos aqui do lado de fora com a expectativa de que um dia esse bloco dê um salto e bote as mulheres todas para dentro também, para a gente conviver juntos. (Palmas) Provocação. O outro já está ali... Provocação. Ele já fez o protesto ali.

Mas, gente, eu quero sair daqui dizendo que a humanidade, eu não fiz referência a essa questão, mas eu quero fazer referência aqui, porque muitas vezes as pessoas não compreendem porque é que no Ilê Aiyê só saem negros e porque é que no Filhos de Gandhi só saem homens. E eu quero dizer que a humanidade do homem negro tem sido reinventada no bloco Filhos de Gandhi, no Afoxé Filhos de Gandhi. Não é fácil ser homem negro num país racista, num país que nega humanidades e que vê o homem negro apenas como símbolo de força braçal para carregar pedra, o saco de cimento, construir os grandes edifícios e nada mais ou no máximo um objeto sexual.

Portanto, estar aqui acolhendo a religiosidade de matriz africana, se reinventando, reinventando a sua masculinidade, é algo que nós temos que levar em conta, nós temos que respeitar porque essa é, sim, uma estratégia de resistência, de sobrevivência cultural, política e sobretudo uma estratégia de afirmação da humanidade dos homens negros no nosso estado.

Muito obrigada. Viva o Gandhi! Vida longa! E vamos ao centenário futuramente do nosso bloco. (Palmas)

Obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Eu queria mais uma vez parabenizar a deputada Olívia Santana. Quando V. Ex.^a estava se pronunciando, eu fiquei, aqui, com meus botões, a pensar que a ideia que fez surgir os Filhos de Gandhi está tão propícia para nossa atual realidade. Momentos de muita dificuldade, uma crise multifacetada, que envolve uma crise institucional, uma crise política e uma crise econômica. E, neste momento, eu acho que uma das coisas mais importantes que se tem é nós cultivarmos paz e serenidade. E não procurarmos diuturnamente aprofundar mais essa crise. Todos os dias tem um fato novo, todos os dias acontece algo que inflama mais esse momento.

E a Bahia, ela é, sem sombra de dúvida, um lugar especial. Um estado que tem um litoral fantástico, praias belíssimas. Nós temos regiões encantadoras, como a Chapada Diamantina. Nós fomos brindados por Deus com muitas belezas naturais. Mas eu acho que o que mais temos de belo é a cultura do nosso povo. E, sem sombra de dúvida, os Filhos de Gandhi representam para nós baianos uma das tradições mais belas. Vocês conseguiram se projetar para fora dos muros do nosso estado e do nosso país. Esse trabalho que se realiza – porque, sim, é um trabalho, é uma tradição –, que vocês, por 70 anos, estão nos mostrando tanta beleza, tanto ritmo, tanta cultura, eu espero que ele se perdure. Porque é fundamental nós termos algo para mostrar de tão bonito, não apenas o resto do país, mas para o mundo afora. Qualquer lugar onde o nome da Bahia é lembrado, principalmente no Carnaval, é impossível dissociar dos Filhos de Gandhi.

E eu, hoje, Olívia, fiquei muito feliz porque ganhei meu colar dos Filhos de Gandhi pelas mãos do meu prezado amigo, deputado Zó, e não fui beijado. (Risos) Mas nossa querida Olívia nos brinda com mais uma bela sessão. Eu estou encantado, e tenham a convicção e a certeza que esta Casa sempre vai estar de portas escancaradas para vocês. Nós temos que agradecê-los sempre. A Bahia, ela é eclética, ela tem uma diversidade fantástica, e acho que qualquer um pode tentar estudar e se aprofundar, mas a Bahia, quem entende a Bahia mesmo somos nós, baianos.

Então, amigos e amigas aqui presentes, eu queria agradecer a todos. Vou, aqui, passar a direção dos trabalhos para a nossa colega Olívia Santana. Agradecer a todos, também a todos que estão aqui, na Mesa, e dizer que sempre é uma alegria recebê-los aqui, nesta Casa, que é do povo. Aqui é uma coisa fantástica. Aqui estão representados todos os segmentos da sociedade baiana.

Estou extremamente feliz por Deus ter me dado a oportunidade de estar à frente da Assembleia num momento tão rico. A Assembleia da Bahia tem produzido muito, tem trabalhado muito. Os deputados, especialmente os desta legislatura, têm tido um comprometimento, um compromisso com o seu labor, com o seu trabalho fantástico.

Eu queria aproveitar, aqui, Olívia, você que acaba de chegar, há poucos meses, a esta Casa, eu quero em sua pessoa abraçar todos os deputados novos, dizer que o trabalho que vocês estão fazendo nos orgulha muito, assim como os deputados mais experientes que há aqui, na nossa querida Casa.

Um beijo no coração de cada um de vocês. Passo a direção para a deputada Olívia Santana.

(Os deputados Nelson Leal e Olívia Santana posam para fotos.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Bem, gente, assumindo, agora, a presidência desta importante sessão, eu quero conceder a palavra ao presidente do Sindicato dos Estivadores de Salvador, o Sr. Flávio Santiago, para que ele possa fazer uma breve saudação ao Afoxé Filhos de Gandhi.

Quero registrar, também, a presença do Superintendente do Trabalho, Marcelo Gavião, da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte. Seja bem-vindo.

O Sr. FLÁVIO SANTIAGO: Bom dia à Mesa, bom dia ao plenário.

Senhores e senhoras, sou o presidente do Sindicato dos Estivadores e tenho a maior honra de estar aqui representando hoje a entidade que criou o Afoxé Filhos de Gandhi.

Vejam vocês, nós éramos chamados de trabalhadores avulsos sem qualificação profissional, e olha o que nós criamos: os Filhos de Gandhi. Não sou muito de fazer discurso, mas vou pedir permissão para ler uma passagem de um livro, deputada, que está sendo lançado pelo nosso companheiro Toinho Canário, um estivador nosso da velha guarda. Pedi permissão a ele e disse: “Tonho, vou levar isso aqui para dar uma lida numa página do livro que ainda não foi lançado”. Ele falou: “Leia, se houver essa oportunidade”.

Então, está aqui: (Lê) *“O Afoxé Filhos de Gandhi: O maior produto made in Bahia dos Estivadores de Salvador.*

E quem já não ouviu falar do Afoxé de Gandhi, fundado por Estivadores em 18 de fevereiro de 1949, constituído exclusivamente por homens e inspirado no ideário de paz de Mahatma Gandhi. Trazendo em seus trajes o branco – simbolizando as vestes indianas – e o azul dando seu toque de nobreza. Os Filhos de Gandhi trazem na sua complementação os seus colares com as cores do céu – azul e branco – onde é oferecido aos fiéis na troca por um beijo, bom como o perfume de alfazema que é derramado nos admiradores que rodeiam as cordas no seu desfile grandioso e harmonioso. Os Estivadores de Salvador gostavam do seu trabalho no porto, e das farras suntuosas, pois desta farra nasceu a ideia de Durval Marques da Silva – Vavá Madeira, estivador extravagante nas suas decisões e nas orgias noturnas, acompanhado e apoiado pelos colegas de trabalho: Fidélis Manoel dos Anjos – o Panguará; Jacinto da Silva – o Bala; Hilário José de Santana – Bigode de Arraia; Pedro Ferreira dos Santos – o Pedro de Oiá; Francisco Xavier do Nascimento – o Balbúrdia; Hamilton Ferreira dos Santos – o Lobisomem; Hermes Agostinho dos Santos – o Soldado; Máximo Serafim Mendes – o Quadrado; Manoel Nicanor das Virgens – o Zoião”. Com esse eu tive o prazer de trabalhar, já que eu tenho 30 anos na área portuária.

É só isso, gente.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Sr. Flávio. Agradecemos aos trabalhadores da estiva por essa grande e genial ideia que até hoje dá orgulho ao povo baiano.

Concedo, agora, a palavra ao presidente da Bahiagás, Luiz Gavazza, para uma breve saudação a essa instituição.

O Sr. LUIZ GAVAZZA: Bom dia a todos e todas. Ajayô!

Saúdo a presidenta desta sessão, deputada estadual Olívia Santana; o deputado estadual Zó; e toda a Mesa. Para economizar o tempo, pelo avançado da hora, não vou citar cada um e cada uma, mas quero ainda saudar a secretária Fabya Reis e o presidente do Afoxé Filhos de Gandhi, meu amigo Gilsony, e dizer que essa sessão, Olívia, propicia a Bahia o reconhecimento, o resgate, o destaque e a consolidação desse que é um dos maiores patrimônios culturais da Bahia como aqui já se disse na sua intervenção, no resgate que o companheiro do Sindicato dos Estivadores fez.

A Bahia e Salvador, particularmente, a maior cidade com negros fora da África, com a presença negra fora da África, marcar, consolidar aqui a africanidade que marca o nosso povo é também estar exaltando os 70 anos dos Filhos de Gandhi. A Bahiagás, que eu presido, uma companhia de economia mista, dirigida pelo estado da Bahia, participa ativamente da preservação, do movimento de preservação da cultura baiana. E no maior evento da economia da cultura da Bahia que é o Carnaval baiano, participamos ativamente.

O governador da Bahia, Rui Costa, preside uma curadoria que discute com todas as instituições governamentais e as empresas nas quais o governo participa, do ordenamento da participação governamental no Carnaval, da segurança pública que é garantida com maestria. Nós temos uma festa de rua das mais importantes do planeta, com quase nenhum incidente de destaque, por conta do papel da nossa segurança pública, que vai à saúde e que vai às empresas e instituições que patrocinam o Carnaval.

E nós que temos sido acolhidos pelo povo da Bahia na missão de utilizar o gás natural, combustível fóssil menos poluente, portanto ambientalmente correto, avançado, economicamente viável, muito mais barato. Levar com o gás natural, impulsionar o desenvolvimento para o conjunto do estado da Bahia, levar o gás natural como mola propulsora do desenvolvimento, nós que assim o fazemos, devolvemos à sociedade baiana a acolhida que dá a ação da nossa empresa, aos serviços que prestamos, a difusão do nosso produto, participando com patrocínios das diversas atividades importantes para o povo da Bahia.

E uma das atividades mais importantes é a preservação da sua memória cultural. Temos o orgulho de estar apoiando já há alguns anos o Afoxé Filhos de Gandhi, como o bloco Ilê Aiyê, o Olodum, como o trio Armandinho, Dodô e Osmar, ícone da cultura baiana, e eu queria saudar aqui Aroldo, que está aqui representando o trio Armandinho, Dodô e Osmar, do qual nós somos patrocinadores máster.

Mas a Bahia é isso, como disse o presidente Nelson Leal agora há pouco: “É essa diversidade, é essa pluralidade que se expressa aqui nesta sessão, do resgate histórico da maior importância”.

Portanto, eu que tive a oportunidade, Gilsony, de participar já pelo terceiro ano, e esse ano, eu participei desde o início do desfile, desde a cerimônia do *padê* na saída dos Filhos de Gandhi, e durante quase todo o desfile no domingo de Carnaval.

Eu me sinto orgulhoso de poder contribuir, neste momento, com a valorização e o resgate da história desses 70 anos dos Filhos de Gandhi, que estão intimamente vinculados a luta do povo, dos trabalhadores, a memória do povo negro, do povo baiano, lutador, que traz isso como um grande brinde à sociedade baiana.

Viva o Afoxé Filhos de Gandhi! Um grande abraço, e parabéns à deputada Olívia Santana pela inspiração e pela proposição desta sessão.

Ajayô para todos nesta manhã de sexta-feira! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, presidente Gavazza. Eu quero fazer essa saudação também ao nosso artista Aroldo Macedo, representando aqui toda família Macedo – Armadinho, André, enfim –, todos que compõem aquela também importante experiência dos criadores do trio elétrico na Bahia; também André Reis, que é diretor do Centro de Culturas Populares e Identitárias; Dalva Messias, representando o mandato da vereadora Aladilce Souza; e, com muita satisfação, a nossa querida Marta Rodrigues.

Vereadora, por favor, venha sentar aqui na mesa estendida, nessa primeira fila, infelizmente a Mesa já está muito... Mas quero que a senhora se sinta parte desta Mesa, a senhora que também tem um mandato muito voltado para a valorização da cultura africana, das lutas contra a discriminação racial. Seja muito bem-vinda!

Quero também saudar Raimundo Antônio Santos, presidente da Federação Investigativa dos Direitos Humanos; um dos grandes membros militantes que acompanham também o Gandhi há muitos anos, que é compositor, assessor do vereador Silvio Humberto, mas antes disso ele é um compositor também, que já deu pérolas de músicas muito importantes, cantadas, o nosso querido Aregil Cerqueira, que é um ícone também da nossa cultura negra baiana; meu querido amigo Raimundo Guerreiro, do conselho fiscal do Gandhi, que está aqui e também é um grande *chef*. Aliás, o Gandhi é cheio de *chefs*.

Guerreiro cozinha muito bem, e o nosso Orlando também. Ficam os dois concorrendo para ver quem vai fazer a melhor feijoada. O bom é que a gente prova de todas, de lá e de cá, e fica bem com todo mundo.

Quero saudar Camila Vieira, chefe de gabinete também do Irdeb. Quero destacar o trabalho do Irdeb aqui. Nosso querido Flávio e sua grande equipe, a Educadora FM, a TVE, que sempre valorizam as músicas, os artistas, melhor dizendo, da cultura afro.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero passar, agora, a palavra ao nosso deputado Zó, Zó do Sertão.

O Sr. ZÓ: Como Olívia disse, Zó do Sertão. A coisa que eu mais gosto é de ser do sertão e encontrar vocês, aqui, com a cultura do litoral. O poeta popular Ivanildo Vilanova dizia: “Sem Brasil a América é derrotada, com o Brasil a América vale mil, sem Nordeste o Brasil não é Brasil, e sem sertão o Nordeste não é nada.” (Palmas)

Para começar, trazer um verso de lá, porque quando a gente encontra essa grande referência da cultura popular brasileira de matriz africana, de resistência, a gente se embebeda um pouco disso, minha querida deputada Olívia, minha querida secretária Fabya, Gilsony, que representa os Filhos de Gandhy aqui, todos vocês representam essa entidade que é do litoral. Faz a gente, lá no sertão, entender a força da resistência da cultura negra.

Se a gente analisar o perfil da cultura popular também do sertão nordestino, em Luiz Gonzaga você vai encontrar essa matriz, em Jackson do Pandeiro, você vai encontrar no Samba de Véio, lá de Juazeiro, no Samba de Lata, de Petrolina. A turma das ilhas, onde se aglomerava a maior parte dos negros que eram foragidos, daquilo que normalmente são os brancos que fazem: açoiar, escravizar, criar guerra. Como diz Edson Gomes, eles continuam promovendo a guerra e eles continuam destruindo a terra.

Então, a gente traz para aqui, da mesma forma que foram os estivadores que criaram o Gandhy, a resistência também lá era na Companhia de Navegação do São Francisco, onde permaneceu viva durante um tempo a força do Partido Comunista do Brasil.

O Partido Comunista do Brasil de Juazeiro é datado de 1929; o Partido Comunista do Brasil é datado de 1922. Nós completamos neste ano 90 anos de existência, o Partido Comunista do Brasil de Juazeiro, do lugar que Jorge Amado chamava de o Saara Vermelho, aquilo que Jorge Amado batizou de Saara Vermelho.

Então, a gente, neste momento, está aqui, Olívia, com muita satisfação, muita alegria. Tenho uma ligação muito forte com a cultura da nossa região. Fui secretário de Cultura durante um ano e quatro meses. No arranjo político, eu era vereador, me silencieei a convite do ex-prefeito Isaac, e tive a honra, o privilégio e o prazer de poder ajudar a botar na rua o primeiro afoxé de Juazeiro, que é o Afoxé Filhos de Zaze. Então, em 2011, o Afoxé Filhos de Zaze foi para a avenida com a força e ajuda do nosso papel enquanto secretário de Cultura, porque eu sei que *“Um abraço negro e um sorriso negro traz felicidade”*.

Um grande abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, deputado Zó, obrigada por ter vindo prestigiar esta sessão, entendendo a importância dela.

Sabemos que dia de sexta-feira os deputados já não estão aqui, estão no interior, visitando suas bases, trabalhando e comparecendo diretamente para visitar suas bases.

Eu quero também, com muita honra, convidar para fazer uso da palavra o professor Paulo Miguez, que é vice-reitor da Universidade Federal da Bahia, mas sobretudo é doutor nessa área cultural, estuda, vivencia. E eu tenho certeza de que ele fará aqui uma breve saudação ao nosso plenário, tendo uma voz singular na defesa da cultura, da diversidade e da cultura baiana.

O Sr. PAULO MIGUEZ: Bom dia a todos. Deputada Olívia, obrigado pelas palavras tão generosas. Eu saúdo a Mesa na sua pessoa.

Acho que é importante lembrar que na origem, no surgimento do Afoxé Filhos de Gandhi havia uma dimensão de resistência extremamente importante dos estivadores, parte deles membros do Partido Comunista Brasileiro. Os estivadores da Bahia se recusaram a descarregar um navio britânico, em 1949, num gesto de apoio à luta pela independência da Índia. E surge daí, desse conjunto de estivadores – Vavá Madeira, Zoião, Lobisomem –, exatamente o desejo de sair à rua no momento em que a Bahia apontava os seus primeiros passos na direção da modernidade. O Gandhi é uma das expressões da Bahia moderna. Aliás, com a presença de Aroldo aqui, temos as duas grandes expressões culturais que anunciam a modernidade baiana: os Filhos de Gandhi e o trio elétrico.

E a Universidade Federal da Bahia não poderia deixar de estar hoje aqui. Saúdo, mais uma vez, Olívia pelo gesto de convocar esta sessão especial. A UFBA não poderia deixar de estar presente aqui para saudar essa que é uma expressão viva da cultura baiana, que nos encanta com suas canções, com seus desfiles e que nos faz lembrar, em momentos tão estranhos da vida brasileira, em que o estudo, por exemplo, a que Olívia se referia há pouco e que eu pude realizar... Estudo que eu só posso realizar graças à existência de uma universidade pública que compreende que a produção de conhecimento é absolutamente fundamental para a emancipação do nosso povo. Eu não poderia deixar de estar aqui presente, até porque aquilo que Gandhi nos ensinou na luta contra o colonialismo inglês, aquilo que os Filhos de Gandhi sinalizaram a partir da resistência dos estivadores baianos naquele momento é algo que nesse momento tem que nos inspirar na defesa da universidade pública que está neste momento sendo objeto de ataques duríssimos, não só do ponto de vista orçamentário, mas do ponto de vista de sua natureza.

Permitam-me a oportunidade nesta Casa tão importante para a vida baiana, que é a Assembleia Legislativa, dizer a vocês que ontem nós, nas universidades brasileiras, nos espantamos com uma informação de que serão descontinuados, pelo menos não receberão recursos, os cursos na área de Filosofia e Sociologia da região Nordeste. Ou seja, daqui a alguns anos talvez não possa existir alguém na universidade que possa se dedicar a estudar a festa baiana, que é seguramente um dos elementos centrais da vida do nosso povo. Como dizia Jorge Amado, de forma absolutamente genial, a nossa alegria é maior do que a nossa miséria.

Gandhy, obrigado por tudo que você fez pela Bahia. Gandhy, obrigado por tudo que você me ensinou. Eu creio que esse gesto genial de 70 anos atrás inspirará a todos nós na defesa das melhores tradições culturais do nosso povo, mas muito especialmente na defesa da democracia.

Obrigado.

Parabéns, Gandhy. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, professor Paulo Miguez.

Quero, imediatamente, passar a palavra ao nosso professor, ele também é professor, nosso querido vereador Sílvio Humberto, para que ele possa fazer aqui a sua breve saudação a este plenário em homenagem ao Afoxé Filhos de Gandhy.

O Sr. SÍLVIO HUMBERTO: Bom dia a todos e todas. Quero cumprimentar de forma muito calorosa e com bastante alegria a deputada estadual Olívia Santana e estendo isso a todos os componentes da Mesa; parabenizá-la por essa importante e estratégica homenagem a esses 70 anos do nosso Afoxé Filhos de Gandhy; parabenizar o nosso presidente Gilsony e dizer que eu também sou um dos Filhos de Gandhy. Pelo menos no início dos anos 80, enquanto jovem, eu participei, saía como integrante do Afoxé Filhos de Gandhy, naquela época. E mais recentemente, depois da juventude acumulada, fui devidamente... Tive meus votos renovados e saí no ano passado e esse ano e confesso que o ano passado foi um... Depois de 25 anos praticamente sem sair nos Filhos de Gandhy, foi algo, assim, emocionante. Saí tanto no domingo como na terça-feira, não fui na segunda.

Mas lembrando que esse exercício nosso da resistência, Gilsony... E voltando um pouco na história, lembrar que é o que Makota Valdina sempre nos trouxe, de encontrar esses nossos jeitos, porque de fato quando se fala no afoxé, fala-se do candomblé de rua. E nós quando éramos impedidos, a nossa ancestralidade, de bater a cabeça, nós encontramos no chamado espaço da alegria, essa possibilidade. Aí o Afoxé vem, que é o mesmo tempo que você utiliza o espaço da alegria para proferir os nossos cultos, para saudar os nossos orixás.

E eu lembro que eu encontrei numa pesquisa, quando eu fiz o doutorado na área de História Econômica, eu encontrei um jornal, não sei se foi o chamado jornal *A Coisa* ou *Jornal da Manhã*, em que eles ficaram extremamente indignados porque ali no Politeama, sabendo que o Carnaval começaria, geralmente, em fevereiro, não entendiam porque as pessoas começavam a tocar a partir do mês de setembro. Eles disseram: “Para que esse balu, balu, balu. Fica batendo a cabeça, tocando...”, mas na verdade eles diziam assim: “Eles não estão tocando, não. Eles querem bater a cabeça”. E o jornal daquela forma bastante... Aquela coisa assim da crítica, aquela visão extremamente preconceituosa e racista. E aí eu disse: “É verdade, você utilizar o espaço da alegria para poder proferir o seu culto”. E é por isso que a gente entende que a resistência ao Candomblé, e que se estende a esta visão de intolerância, não é porque é só a questão da religiosidade dos negros, mas também porque nós somos

portadores de uma outra ética do trabalho, e isso ia na contramão do que estava sendo proposto.

Então, quando eu vejo o Afoxé Filhos de Gandhi, que entrava em beco e saía em beco, quando tinha essa possibilidade, parecendo que ia acabar, Gilberto Gil de forma genial, Ary Gil, e generosa, como nos trouxe o professor Miguez, ele compõe uma música. Quando ele vai e presencia, ele pergunta: “*Cadê o Afoxé?*” E eu lembro que algum integrante diz: “*Tá lá, tá lá*”. E nesse “*tá lá*”, ele aí vem e começa a compor. E ele percebendo que o Afoxé estava parecendo que ia acabar, ele aí convoca toda uma ancestralidade para dizer: “Olhe vamos lá para ver os Filhos de Gandhi”. Aí desce literalmente todo o mundo para não deixar o Afoxé acabar.

Longa vida aos Filhos de Gandhi! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Parabéns, vereador Sílvio Humberto, por sua fala. Aliás, falas breves e extremamente significativas, a fala do professor Paulo Miguez e a fala do vereador Sílvio Humberto, que resgatam esse valor, essa dimensão dos Filhos de Ghandy para a história, para a cultura baiana e, sobretudo, como forma de resistência cultural.

Então, eu quero, agora, fazer uma saudação e agradecer pela presença ao vereador Ceçula Abreu, vereador do PCdoB, presidente da Câmara de Itambé. É uma honra, vereador, ter a presença de V. Ex.^a aqui (palmas), prestigiando este bloco de Salvador, mas que inspira tanto a cultura na Bahia inteira e é referência também nacionalmente; saudar Ninha, nossa Ubaldina Estrela. Essa mulher tem um trabalho (palmas) maravilhoso na Liberdade. A família Estrela foi uma das primeiras famílias a trabalhar profissionalmente com tranças, fazendo a cabeça das mulheres negras, e que hoje mantém a quadrilha junina Gérmén da Era, que é uma referência dali e muitos meninos e meninas saem para as grandes quadrilhas da Bahia. Parabéns! O São João já está chegando. Pode contar com o nosso apoio. Estaremos lá, mais uma vez, prestigiando o trabalho da Gérmén da Era; quero saudar o jornalista Ildazio Tavares Júnior. Foi o Ildazio que falou comigo e eu fiz, aqui, a referência. Eu quero também aproveitar para fazer uma referência ao nosso saudoso Ildazio Tavares, que era ogã do Ilê Axé Opô Afonjá e um jornalista, escritor que tanto contribuiu, também, com as culturas baiana e brasileira; quero saudar Luís Alberto França, diretor-tesoureiro do Sindicato dos Estivadores; saudar Dona Crispina Raimunda de Souza, que é também uma artesã e que trabalha durante o Carnaval para a gente ver esses homens com esse belo turbante. Esse turbante bonito passa pelas mãos das turbanteiras, e eu quero fazer essa saudação também às turbanteiras que estão aqui representadas.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Convido imediatamente, para fazer a sua breve saudação, o nosso desembargador Livaldo Britto, que aqui representa o presidente do Tribunal de Justiça da Bahia, mas, como eu disse, é um escritor e é um militante da luta contra a intolerância religiosa. Por favor, Dr. Livaldo (palmas), receba as especiais palmas de Clarindo Silva, inconfundíveis.

O Sr. LIDIVALDO BRITTO: Bom dia a todas e a todos.

É com muita alegria que eu quero saudar a deputada Olívia Santana, presidente da sessão e proponente desta homenagem, na pessoa de quem eu saúdo todos os integrantes da Mesa. Vejo, aqui, diletos amigos também na plateia: o ex-deputado Bira Corôa, Clarindo Silva, enfim, diversos representantes da militância. E uma especial saudação ao nosso querido Afoxé Filhos de Gandhi.

Bom, desde pequeno meus pais me levavam para as ruas para eu conviver com o carnaval de Salvador.

Então, eu aprendi a admirar os Filhos de Gandhi. E quando os Filhos de Gandhi passavam, ainda na época em que... eu não sou tão velho assim, não, mas eu me recordo que ainda não havia o carnaval na Carlos Gomes. Os blocos, eles se cruzavam na Avenida Sete na ida e na vinda. E quando os Filhos de Gandhi passavam, com o famoso tapete branco, sempre foi uma beleza de se ver.

E o afoxé surge exatamente no ano de 1949. O 9 tem uma simbologia muito grande em Salvador. Salvador foi fundada em 1549. Nesse ano de 1949, o Fórum Ruy Barbosa foi inaugurado. O ano de nascimento de Ruy Barbosa é 1849. Os restos mortais de Ruy foram trazidos para Salvador em 1949. O Tribunal de Justiça, primeiro das Américas, foi criado em 1609. Este ano o tribunal está comemorando 410 anos, junto com o Ministério Público. O Ministério Público nasceu junto com o Poder Judiciário na Bahia. E, também, no ano de 1799 os quatro revolucionários da Revolta dos Búzios foram enforcados na Praça da Piedade. Portanto, são muitas efemérides.

E o Afoxé Filhos de Gandhi, como já foi dito aqui pelo vereador Sílvio Humberto, foi o candomblé nas ruas. Aqueles estivadores optaram pelo afoxé. Poderiam ter optado por um outro bloco, por um som mais tradicional, mas quiseram colocar o agogô, os timbaus, os atabaques nas ruas. Naquela época, isso ainda era um símbolo da resistência. Está muito bem retratado no livro *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, quando houve o conflito entre a polícia e os afoxés.

Portanto, o Afoxé Filhos de Gandhi é um afoxé que representa a luta, a resistência, e nós, soteropolitanos, estamos muito orgulhosos por vocês.

Parabéns! Vida longa para o Afoxé Filhos de Gandhi! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Dr. Lidivaldo Britto.

Quero lembrar também que muitos policiais saem no Gandhi, participam do Gandhi, atuam também no Gandhi. Então, a história vai-se transformando e vai incorporando. E o Gandhi foi incorporando. Se no momento da sua criação foi aquela reação, o medo da ação policial, hoje, o Gandhi tem boa parte dos seus membros composta por policiais. Então, é muito fascinante a forma como nós temos essa possibilidade de construir as nossas expressões culturais como expressões políticas de resistência e, também, vem transformando estruturas que nos negam.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero, de imediato, passar... essa é a última fala desse primeiro momento, porque nós vamos, imediatamente, fazer a entrega da placa de homenagem. Por isso eu convido o cantor Tonho Matéria, cantor e compositor, para que ele possa fazer a sua saudação ao Afoxé Filhos de Gandhi. (Palmas)

Quero registrar, com muita honra, o nosso deputado Bira Corôa, que tantas homenagens e debates já realizou nesta Casa em defesa da cultura negra. Eu tenho certeza, deputado, que V. Ex.^a voltará a fazer parte dos quadros desta Casa pelo justo trabalho que realiza. (Palmas)

O Sr. TONHO MATÉRIA: Bom dia a todos e todas em nome da nossa ilustríssima guerreira, mulher guerreira, com a qual, com muita honra, a gente vai para o campo de batalha. E a gente agora a vê ocupando este espaço que é o espaço que, realmente, como mulher negra... é a primeira mulher negra ocupando este espaço como deputada. Isso, para a gente, é um orgulho. Eu que sou um compositor que sempre cantei a força e a energia das mulheres, principalmente no espaço do bloco afro.

E, neste momento, quero, aqui, agradecer pela energia ao afoxé Filhos de Gandhi por me conceder a inspiração para escrever para esse bloco, esse afoxé. Como compositor, eu não poderia ficar de fora, deixar de escrever algo para o Gandhi. E a minha segunda canção que escrevi foi uma canção a mim dada, inspirada, vista na televisão por nada mais nada menos, minha esposa, que é Joelma, que foi quem me deu a inspiração. Porque eu estava no quarto e, de repente, ela me chama, correndo, para ver os Filhos de Gandhi, uma matéria que estava passando na tevê. E ela diz assim: “Filho, olha o Gandhi aí na tevê.” E eu saio do quarto cantando: “Olha o Gandhi aí! Olha o Gandhi aí, ô! Olha o Gandhi aí!”

E, ao mesmo tempo, Sílvio Humberto, lembrando de todas as ancestralidades, dos hauçás, dos mandingas, dos fulanis, dos iorubás, dos bantus aqui, na Bahia, convocados pelo então cantor e compositor Gilberto Gil, que é o mestre de tudo isso, quando ele convoca todos os deuses de África e manda descer para ver os Filhos de Gandhi.

E eu faço essa composição inspirado em uma música do Gandhi, a levada de um afoxé, que é a “Toda Menina Baiana”, e eu trago a mesma levada, quase, um pouco, a mesma harmonia, para dignificar mais ainda o que eu queria apresentar. E deu certo.

Essa música ficou 8 anos no caderno. E um dia, eu tinha chegado de viagem, Jonga estava produzindo um disco de Gilmelândia e me pediu uma música. Eu disse: “Pô, tenho umas coisas aqui”, e mostrei. Mas nada agradava, porque era tudo complicado o que eu estava escrevendo naquele momento, o recorte, nossa identidade. E, aí, não era aquilo que eles queriam.

De repente, ele falou assim: “Pô, você podia escrever uma canção pra Daniela. E se você tiver um afoxé, faça um afoxé pra Daniela.” Eu disse: “Vou escrever uma música.” Aí, o meu filho Alan disse: “Meu pai, você tem um afoxé, que é o ‘Tapete Branco’”, que era o nome da música. Aí, eu cantei para Jonga um pedaço, mas não

lembrava a música toda. De repente, Daniela gostou da música e eu modifiquei o título da música, coloquei: “Olha o Gandhy aí!”, porque achava mais forte. E ela lançou. Ela tinha gravado, na época, uma música, “Meu Pai Oxalá!”, que seria música de trabalho.

E na festa de 1º de janeiro, na Barra, ela resolve cantar um pedaço do trecho da música “Filhos de Gandhy”. E a música tomou um corpo e modificou o rumo do trabalho dela. E, realmente, a música chegou para ser uma das músicas do Carnaval da Bahia.

Então, essa luta de compositor que eu tenho é a mesma luta de ser um artista negro na Bahia. Sou conhecido, mas não sou reconhecido como deveria ser reconhecido enquanto artista negro dentro desta cidade, porque este ano não fui contratado para fazer Carnaval na nossa cidade, enquanto muitos vêm de fora e fazem.

Então, isso tudo que eu venho fazendo é porque eu vejo os blocos afros ainda nessa luta de resistência. E eu, enquanto compositor e negro, homem negro, e que vim... sou oriundo desses espaços, do candomblé, da Capoeira, do afoxé... e também fui cantor de afoxé. Meu primeiro afoxé, em que cantei, foi o Omolu Ilê, no Pau Miúdo.

Então, eu vendo toda essa luta de resistência de 70 anos do Gandhy, eu, ainda jovem, não posso deixar de estar aqui, com os meus 54 anos, deixar essa luta de resistência seguir.

Então, eu acho que é a luta da continuidade.

Eu quero agradecer, mesmo, de coração, ao Afoxé Filhos de Gandhy, e mais ainda a Gilsony por ser um grande amigo, uma figura que não se preocupa no Carnaval só com a imagem do Gandhy, mas ele cuida também da imagem de muitos blocos, ele produz também fantasias para muitos blocos. Muita gente não sabe disso, a luta que esse rapaz tem para produzir. E eu agradeço muito a ti por me ajudar também com o Bloco da Capoeira. Esse ano você viu que o bloco estava bonito. E obrigado, mesmo, pelo pano, pela luta que você faz com as nossas entidades.

Então, quando eu tive o convite de vir aqui para participar deste momento, eu não poderia deixar de estar registrando esse momento dessa fala. Então, obrigado, agradeço ao Gandhy pela resistência. E é como eu digo numa música: “o Gandhy é o aroma do axé”, e também é a luz do tapete branco na avenida que nos inspira, que nos ilumina. E tenho mais um novo sucesso, que é o Perfume do Gandhy, que estou compondo, também uma inspiração de minha esposa, que vem aí brevemente.

Aquele axé! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Santa esposa! Santa inspiração! Agradeçam a Joelma. (Risos) Mas, Tonho Matéria, você que fez tantas canções maravilhosas para o Carnaval da Bahia, muitas que as pessoas nem sabem que são

composições suas... Nós é que agradecemos a você por ser essa referência para todos nós.

O compositor precisa ser mais valorizado, é uma questão que nós precisamos discutir, continuar esse debate na área cultural, porque se conhece muito o artista que canta, mas as composições nem sempre são reconhecidas, considerando quem de fato estabeleceu a letra, considerando o letrista.

Então, eu quero, agora, pedir à assessoria para já preparar as nossas placas de homenagem, e chamar, para uma breve saudação nesta sessão, alguém que representa a cultura budista em nosso estado, em nossa cidade, em nossa Salvador, e representa o nosso Centro Budista Kadampa, de Salvador, que é o Sr. Kelson Kensang. (Palmas)

Desculpem-me, Kelsang Tenchog. (Risos) Obrigada.

O Sr. KELSANG TENCHOG: Bom dia a todos.

Quero saudar a presidente desta sessão, a deputada Olívia Santana, e todos os componentes desta Mesa. Saúdo também as senhoras e os senhores, especialmente o Afoxé Filhos de Gandhi pela comemoração destes 70 anos de resistência e luta, permanecendo como símbolo da paz na cultura baiana. É uma felicidade muito grande participar desta sessão especial e poder trazer aos senhores e às senhoras uma mensagem de paz.

Quero agradecer também a todos desta Casa pelos seus serviços públicos prestados aos cidadãos do estado da Bahia, assim confiando que sempre as boas intenções e as decisões sábias promovem grandes benefícios. Tendo isso em mente, vou ler agora uma prece budista pela paz mundial que foi elaborada pelo venerável Geshe Kelsang Gyatso. E por meio desta sincera prece nós desenvolvemos o nosso potencial humano de amor, compaixão e sabedoria para promovermos a paz mundial.

(Lê) *“Preces pela Paz Mundial. Devemos saber que o melhor método para estabelecer a paz mundial em geral, e a nossa própria paz mental, é aprender a apreciar os outros.*

Se todas as pessoas rezarem sinceramente para se tornarem capazes de apreciar os outros seres vivos, gradualmente, pelo poder dessa prece, todas elas se tornarão de fato capazes de se apreciarem umas às outras. Então, o mundo estará permanentemente em paz e será inteiramente permeado por uma felicidade pura e duradoura. Entendendo isso, recitamos as preces enquanto nos concentramos no seu significado.

Com a intenção de alcançar

O objetivo supremo e último

Que supera até a joia-dos-desejos,

Possa eu constantemente apreciar todos os seres vivos.

Sempre que me relacionar com os outros,

Possa eu considerar-me inferior a todos;

E, com perfeita intenção,

Possa eu apreciar os outros como supremos.

*Examinando meu continuum mental em todas as minhas ações,
Logo que uma delusão se desenvolva
Pela qual eu ou os outros agiríamos inadequadamente,
Possa eu firmemente enfrentá-la e evitá-la.
Sempre que eu vir seres desafortunados
Oprimidos por maldade e violento sofrer,
Possa eu apreciá-los como se houvesse encontrado
Um raro e precioso tesouro.
Mesmo se alguém que eu ajudei
E em quem depusitei grandes esperanças
Não obstante prejudicar-me sem nenhuma razão,
Possa eu vê-lo como meu sagrado Guia Espiritual.
Quando por inveja os outros
Me prejudicarem ou insultarem,
Possa eu tomar sobre mim a derrota
E oferecer-lhes a vitória.
Em resumo, possa eu direta e indiretamente
Oferecer ajuda e felicidade a todas as minhas mães
E secretamente tomar sobre mim
Todos os seus males e sofrimentos.
Ademais, por meio de todas essas práticas do método,
Associadas a uma mente incontaminada pelas manchas
das concepções dos oito extremos
E que vê todos os fenômenos como ilusórios,
Que eu e todos os seres vivos sejamos libertados das
amarras da aparência e da concepção equivocadas.”
Muito obrigado.*

A Sr^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Nós é que agradecemos.
(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero agora pedir a todas e todos que fiquem de pé, pois vamos fazer a entrega de algumas homenagens, considerando que o Afoxé Filhos de Gandhy tem como missão pregar a paz a cada Carnaval da Bahia. O Filhos de Gandhy já recebeu o prêmio de Honra do Mérito Cultural do Brasil, o Troféu Dodô e Osmar, já entrou no *Guinness Book* e é reconhecido como patrimônio imaterial do estado da Bahia.

Peço agora a placa em homenagem ao nosso mais antigo militante, participante e membro do nosso Afoxé Filhos de Gandhy, o nosso querido Antônio do Caixão, que

por conta de uma questão de saúde não pôde estar aqui conosco e encaminhou o Sr. Adelson Damião dos Prazeres para aqui representá-lo.

Chamo para receber aqui a nossa placa em homenagem aos mais antigos, o Sr. Adelson Damião dos Prazeres...

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Vou quebrar um pouquinho o protocolo.

O Sr. Adelson Damião dos Prazeres: Quero que as minhas primeiras palavras sejam de agradecimento a V. Ex.^a por ter transportado para esta Casa aquilo que é a joia rara do Brasil e quiçá do mundo, o Afoxé Filhos de Gandhi.

Tive a incumbência de vir receber essa placa a Antônio do Caixão, que vai recebê-la pela sua vivência dentro do Afoxé Filhos de Gandhi. Eu quero, em nome dos Filhos de Gandhi e em nome de Antônio do Caixão, agradecer a V. Ex.^a por esse pedido desta sessão solene, que não é nada mais nada menos do que uma obrigação que esta Casa faz com a nossa entidade.

Um abraço a todos. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Eu quero, de maneira também especial, agradecer a todas as mulheres que trabalham e ganham... porque o Gandhi também gera renda não só a partir do trabalho daqueles que atuam diretamente no bloco no Carnaval, mas também em tudo que acontece no seu entorno. E uma das cenas mais bonitas que se vê durante o Carnaval é quando gente entra naquele corredor do Pelourinho e vê as turbanteiras transformando a cabeça desses homens, fazendo esses turbantes maravilhosos. Os turistas chegando admirados, todos querendo ter um turbante como esse.

E a gente sabe que o turbante é também um símbolo sagrado. Nem todo mundo sabe fazer nem todo mundo tem essa condição de poder usar um turbante como esse. Portanto, eu chamo a senhora Crispina Raimunda, que é uma das artesãs, para receber aqui a nossa homenagem em nome de todas as mulheres. Tem outras aí? Podem vir, podem subir aqui, por favor.

D. Crispina, Janaína Santos e Rosângela Nascimento. São as três turbanteiras, e nas suas pessoas a gente homenageia a todas as turbanteiras que contribuem e que desenvolvem o seu trabalho, seu ganha-pão em torno do Afoxé Filhos de Gandhi. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Crispina de Souza: Bom dia.

Eu queria agradecer aos Filhos de Gandhi a oportunidade que deu à gente turbanteira de trabalhar. Eu trabalho no turbante desde a idade de 15 anos, em 84, e sou muito feliz pelo que faço. Aprendi nova, adorei e estou até hoje.

Agradeço a todos vocês, todos mesmo. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Bem, eu agora convido o Dr. Rafson para nos ajudar aqui, porque vamos fazer a entrega ao Afoxé Filhos de Gandhi da placa de reconhecimento por tudo que representa para a cultura baiana.

Quero convidar o Dr. Rafson para que a gente possa passar às mãos do presidente Gilsonney. Ao entregarmos à presidência, estamos passando a toda a comunidade do Afoxé Filhos de Gandhi, a todos esses homens que estão aqui, a outros que aqui não estão, como forma de celebrar, de reconhecer, de valorizar esta expressão cultural.

Também saúdo toda a ala de canto do Gandhi. Está aqui Moisés, que é um amigo antigo. (Palmas) Vocês que cantam e também vocês que dançam, os dançarinos do Filhos de Gandhi, que são uma expressão de beleza. A paz é bela! Não é possível falar de paz sem trazer o componente da beleza. E o que os Filhos de Gandhi, presidente Gilsonney, traz para as ruas é exatamente essa simbologia do belo, da confraternização, da possibilidade de sermos maiores do que o sistema faz com a gente.

Então, tudo o que foi transformado, tudo o que foi valorizado, neste momento é aqui celebrado nesta Casa, que é a Casa do Povo do estado da Bahia, como um gesto de reconhecimento.

Peço ao Gilsonney que fique, por favor, aqui entre mim e o Dr. Rafson, porque nós vamos fazer a devida entrega da homenagem.

Secretária Fabya e todos, por favor, cheguem mais perto.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Convido para fazer o uso da tribuna e fazer o uso da palavra o presidente Gilsonney Oliveira. Por favor, dirija-se à tribuna para o seu pronunciamento de agradecimento.

Esta sessão será encerrada pela representante do governador do estado da Bahia, o governador Rui Costa, que designou a secretária Fabya Reis para fazer, aqui, a sua fala em nome do estado, imediatamente após a fala do presidente Gilsonney.

O Sr. GILSONNEY OLIVEIRA: Bom dia a todos e todas! Quero saudar a Mesa na presença da deputada Olívia Santana. Agradecer a presença da nossa secretária Fabya; agradecer aos demais que compõem a representação do nosso deputado Solla, Ademário veio o representando; Daniel Almeida, nosso diretor institucional; Marcelo Gavião que estava aqui há pouco tempo; a toda diretoria dos Filhos de Gandhi; a toda banda, nós não caminhamos sozinhos. A presença de minha família, minha esposa Sheila; aos demais colegas; o nosso amigo Bira Coroa, que também já nos prestou homenagem nesta Casa, um grande parlamentar. Sílvio Humberto, companheiro, fico feliz aqui, hoje, porque só tem amigos. Nosso comandante, ali, que demos um trabalho danado a ele, porque passamos do horário no Festival da Paz, onde conseguimos colocar 15 mil pessoas e, até às 23 horas, não teve uma ocorrência policial sequer. Gavazzinha ali, eu estou me sentindo em casa, porque são pessoas do dia a dia; Tonho Matéria e os demais aí.

Olívia, sua expectativa vai ser frustrada, porque nem em outra encarnação vai sair mulher. Então, você vai ficar na “toda menina baiana tem um dom que Deus dá!”. Você se conforte aí! (Risos) Não podia deixar de falar... diz que o diabo se esconde nos detalhes.

A gente agradece a nossa madrinha Olívia Santana por esta sessão especial, essa mulher de luta, essa pessoa querida. Nossa diretoria toda é encantada com você, Olívia. Essa sua vitória é nossa também, e que você seja muito feliz no seu mandato.

E, no dia do meu pai de cabeça Obaluaiyé Omolu, na festa de São Lázaro, você estava lá na expectativa, seu primeiro dia de campanha, quando ia deslanchar, os Filhos de Gandhi vêm com aquele axé tocando e aí, quando Olívia levantou a cabeça, vi as lágrimas em seus olhos. Ali estava se consagrando a sua vitória.

E você, na realidade, tem uma passagem importante. E esse mérito de madrinha é pelos trabalhos e serviços prestados que você teve. Eu faço dois anos como presidente e pude contar com você, porque a mulher é tudo na nossa vida, é a mãe. A mulher tem uma representação fundamental nas nossas vidas. Eu cheguei no Gandhi com toda crise, eu tive um ombro amigo. Olívia hoje é uma pessoa amiga que a gente pode contar, tivemos orientação política, e Olívia pediu que a gente tivesse calma.

Estávamos, naquele momento, com a verba pequena, acho que uma média de R\$ 120 mil, e Olívia se debruçou, muitos outros deputados passaram ali pelo Gandhi e não ajudaram, ela ainda nem era deputada, provavelmente era chefe de gabinete, sobrevivendo dentro do governo, se debruçou e veio nos apoiar. Nós não podemos esquecer, temos que valorizar, e esse título de madrinha você merece mais do que tudo.

Quero agradecer ao nosso governador Rui Costa por pensar acima de questões partidárias e pessoais e apoiar a existência dos Filhos de Gandhi e pensar institucionalmente, porque o Gandhi tem que estar acima dessas questões e de perseguições políticas de lado “a” ou lado “b”. O Gandhi é uma grande casa que acolhe a todos.

Como você colocou tem algumas coincidências. Os estivadores em 1949, nessa época sob intervenção federal do governo do presidente Dutra por terem uma ligação com o Partido Comunista do Brasil, como diz Jutahy, sempre ao lado. E teve a legalidade cassada pelo Superior Tribunal Eleitoral, e ali fundaram o Afoxé Filhos de Gandhi. Pouco mais de 30 homens tiveram a coragem de criar um bloco com a ideologia do líder pacifista e a cultura afrodescendente. De matriz africana, essa grande marca Filhos de Gandhi, bloco masculino que mantém sua tradição e cultura até os dias de hoje com seus cânticos, toques e o manto sagrado nas vestes indianas. Manto esse, eu acho que foi Tonho Matéria que falou: *“Rapaz, os caras quando chegam, não tem muitos bonitinhos, não, mas quando bota esse manto sagrado! Tem magia essa roupa! Essa fantasia os deixa uns príncipes!”*. (Risos)

A entidade passou por algumas crises, na década de 70, chegou a ficar sem desfilar por 1 ou 2 anos quando, então, chegou em 1974, Gilberto Gil, nosso filho ilustre, que deu uma força e ajudou a erguer o Afoxé. Fico pensando, estava

analisando, como Gilberto Gil, o próprio Antônio do Caixão, Tonho Matéria, o que é que esses caras, qual a mágica, não sei se foi muito azeite de dendê... Tonho Matéria já explicou aqui que a esposa dele é a fonte inspiradora. Quando Gilberto Gil diz assim: “Convoca todos os orixás para descer para ver os Filhos de Gandhi!”. É muito forte isso! Quando Tonho Matéria diz: “Toca a curimba que a terra é nossa, Gandhi!”

O Gandhi é o maior, não quero desmerecer nenhum outro, mas o Gandhi é o melhor, o melhor e mais lindo bloco de Carnaval. É quem leva toda essa beleza, o Gandhi é o afoxé, o candomblé de rua onde o candomblé não tem uma bíblia, não tem uma cartilha, os Filhos de Gandhi seguem os mesmos ensinamentos, vai passando por gerações, por falas, cada um conta uma história aqui diferente da outra. É igual ao candomblé, cada um fala de uma forma.

Mas, enfim, vou contar com a contribuição de Olívia e de demais deputados para que a gente possa registrar esse livro nos 70 anos, contar toda a história, falei até com Miguez ali, para que a gente guarde isso e até colocar nos Anais da instituição.

Fazemos o melhor, temos um brilho maior, essa questão de defender a bandeira da paz, não só da paz como outras tantas bandeiras, como Olívia foi feliz em falar, e não existe essa cultura de colar por beijo. O nosso colar é uma guia onde representa Oxalá e Ogum.

Então, estamos defendendo o que não existe. A mulher tem que ser conquistada. E nós estamos pegando no pé, né Olívia, porque o Gandhi tem que manter essa tradição, esse respeito de ser o mais velho, porque ali tem muita religiosidade.

Mahatma Gandhi pregava o respeito a crença. O Gandhi hoje é uma casa ecumênica onde se respeita todas as religiões. Ali tem que ter muito respeito. Nós estamos cobrando a questão das bebidas aos componentes.

O Gandhi, é tão lindo falar! É muita coisa a falar do Gandhi! Quando os Filhos de Gandhi vai perfumando a avenida, pregando a paz! A paz principal é a nossa paz interior. E nesse momento de tanta violência, de tanta divergência! Mas chegará um momento que, espiritualmente, resolveremos de uma forma ou de outra, porque Deus está acima de tudo e a gente tem que ter esperança de um dia as coisas acontecerem.

Ontem, à noite, minha filha me perguntou: “Meu pai, você já fez o seu discurso?” Eu disse: Não, Maria. Olha ela ali, está com óculos, está com o olhinho machucado. E ela disse: “Eu queria falar uma coisa e estou com vergonha”. E eu disse: Fale, minha filha, coce minhas costas e fale. Ela disse: “Falando sobre a magia dos Filhos de Gandhi, quando ele passa na rua o olhar das pessoas se hipnotiza. É uma magia que ninguém sabe explicar, vista só nos filhos de Gandhi”.

Obrigado, viu, Maria. (Palmas).

Quero agradecer, de coração, a todos, vejo que ninguém está com fome, porque estamos sendo alimentados espiritualmente nesta grande Assembleia. (Risos.) E pedir a Oxalá que nos abençoe, nos traga paz e vida longa ao nosso Afoxé.

Ajayô!!! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Vida longa ao Gandhi, e a todos os seus componentes. Saúde e paz a todas e a todos. E para encerrar esta sessão nós vamos convidar a nossa secretária Fabya Reis, secretária da Promoção da Igualdade Racial, para que ela possa fazer o seu pronunciamento em seu nome e em nome do governador Rui Costa. (Palmas)

A Sr.^a FABYA REIS: Bom dia a todas as pessoas, quero também pedir licença a toda essa força ancestral que rege o Afoxé Filhos de Gandhi.

Quero saudar a nossa deputada estadual Olivia Santana, por propor esta sessão que é um portal para as memórias de 70 anos desse bloco que nos orgulha, que intrinsicamente é misturado com a nossa cultura da Bahia e do Brasil.

Então, eu venho aqui, e eu quero também pedir que todas as pessoas se sintam cumprimentadas em nome da deputada Olivia e do nosso representante, hoje homenageado, Gilsony, considerando o nosso tempo e já o adiantado da hora, mas, também, quero trazer a admiração, o respeito e o abraço do nosso governador Rui Costa.

E como você disse, Gilsony, observa-se muito respeito a essa cultura, a esse bloco afoxé e nos designou aqui a trazer a sua mensagem que hoje, nessa celebração, não poderia deixar de se fazer presente.

Trago aqui também o nosso orgulho, as pessoas que faziam referências a essa história, essa história de resistência, de luta por democracia, de construção e resistência da cultura afro-brasileira, esse ambiente inter-religioso de convivência que também traz o respeito e prega o respeito a nossa diversidade. Que se abre para desafios contemporâneos como disse aqui o nosso vice-reitor, Paulo Migueis, ao dizer que nós estamos desafiados sim, a escrever nesse livro que vai retratar os 70 anos.

Eu diria, que aqueles homens pensados apenas como trabalhadores braçais, o quanto eles se insurgiram numa construção de uma narrativa diferente, uma narrativa que produz um conhecimento e que muitas vezes foi estigmatizado pelo racismo e construíram essa beleza que é o Gandhi. Essa experiência sensorial, porque aguça os nossos ouvidos, desperta os nossos cheiros na avenida quando passa, eleva as nossas almas. Por isso, a pequena Maria percebeu e fez uma poesia.

Então o Gandhi é essa capacidade intelectual, essa capacidade poética e é essa experiência que cada homem e que cada mulher que está ali também na base, dando essa sustentação, para que os Filhos de Gandhi passem no nosso Carnaval elevando o nosso espírito de alegria e trazendo essa mensagem de paz.

Um grande ajayô para este dia de experiência, para essas memórias. E cada pessoa que esteja sentada e outras tantas, se fecharem os olhos, irão sentir nos seus corpos, em suas mentes essa narrativa, essa experiência do que viveu.

Então, um abraço do nosso governo, um abraço do nosso governador Rui Costa, vida longa aos Filhos de Gandhi, e que a gente possa a cada dia se reinventar,

guardar e render essa referência. E que todos os orixás, que todas as espiritualidades possam vir abraçar e marcar essa história de luta, de beleza e de poesia.

Ajayô!

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Em nome da nossa Constituição, da democracia, da poesia, da arte, da cultura, eu declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.